

À Sombra da Perda: considerações sobre o luto infantil em oncologia

Carla Mannino¹

*O pai voltou do funeral.
Por trás da porta, seu filho de sete anos, olhos arregalados, amuleto dourado pendurado no pescoço,
mergulhado em pensamentos difíceis demais para sua idade.
O pai pegou-o nos braços e o menino perguntou: “Onde está a mamãe?”
No céu”, respondeu o pai, apontando para o azul imenso.
O menino ergueu os olhos e se quedou a contemplar o céu infinito. Sua mente confusa lançou um brado na
noite: “Onde está o céu?”
Não ouviu resposta. E as estrelas pareciam lágrimas ardentes daquela escuridão taciturna.
Tagore
O fugitivo, Parte II, XXI*

Quando falamos em infância nossas mentes não associam o termo a questões relativas à perda, muito menos ao tema morte. Para a Psicanálise, Tânatos é a personificação mítica da pulsão de morte, um impulso instintivo e inconsciente que busca a morte e/ou a destruição. Esse conceito aparece desenvolvido nos livros "Mais além do princípio do prazer" e "Mal-estar na civilização", de Sigmund Freud. Assim, a princípio, morte e criança parecem tratar-se de assuntos incompatíveis. E realmente seriam?

No senso comum, normalmente diz-se que esse não é assunto do universo infantil, somente do adulto. No entanto, estamos diariamente expostos à morte, seja nas ruas, nos meios de comunicação ou em nossas residências, sendo a criança, inclusive, parte desse cenário. Se sabemos que a morte faz parte da vida, porque insistimos em manter as crianças distantes disso?

Simple. Resistimos à ideia da nossa própria terminalidade, assim, apesar de estar tão perto, insistimos em manter a morte longe, com a ilusão de que ela não irá nos atingir.

¹ Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1989), com especialização em Psicooncologia, atuando principalmente nos seguintes temas: psicologia clínica, psicooncologia, depoimentos, oncologia e tanatologia.

Tentamos escapar da dor de encararmos nossa própria finitude, projetando no mundo infantil nossa fantasia de que a morte não faz parte da vida.

No câncer na infância, em todas as etapas desde o diagnóstico, do choque inicial, da aceitação do mesmo, do longo período de grande investimento físico e emocional nos tratamentos, até um tempo prolongado de reorganização e aceitação, está sempre profundamente inserida no contexto a questão da terminalidade.

Dentro desse contexto, não permitir ou não possibilitar à criança que o assunto morte, perda e terminalidade seja trazido à tona é fazer com que se crie espaços de grande sofrimento emocional. Impedir a organização e a vivência da dor, expressa e manifesta, é impedir a criança de simbolizar a mais dura das experiências humanas, a morte; não permitindo assim de que a criança tenha possibilidade de expressar a vida, já que esses conceitos estão intimamente ligados.

Embora o tratamento de câncer na criança seja cada vez mais eficaz isso não elimina que ela seja submetida a situações estressantes, envolvendo dor, desconforto, tratamentos prolongados com efeitos secundários que exigem paciência e a restringem de atividades prazerosas ou necessárias ao seu desenvolvimento. Trata-se de uma experiência ruim tanto para ela quanto para seu contexto familiar e social.

A criança emocionalmente saudável e vivendo em um meio familiar relativamente equilibrado demonstra seus sentimentos espontaneamente, portanto, é até mesmo esperado que ela, eventualmente, acabe resistindo em determinados momentos a procedimentos terapêuticos, dificultando assim a cooperação com o tratamento. Se para o adulto, ser acometido por uma doença séria como o câncer não é tarefa fácil, psicologicamente falando, para a criança e seu mundo repleto de fantasias, pode ser aterrorizante. Repentinamente lhe é tirado um espaço que a possibilitava viver de forma livre e plena, lhe sendo oferecido outro repleto de limitações e situações desagradáveis.

Falar sobre a morte neste contexto é delicado e requer que se saiba que não é necessário entrar em especulações ideológicas ou abstratas, nem em detalhes assustadores. Significa simplesmente colocar o assunto em pauta. Que o assunto seja exposto na vida da criança através de imagens, textos - trabalho largamente utilizado de forma terapêutica através

dos contos e histórias infantis – de forma simbólica da vida cotidiana da criança. Não significa estar o tempo todo falando no assunto também, e sim, falar dele com bom senso, sem exageros ou proteção em excesso.

É importante saber que a aquisição do conceito de morte pelas crianças não está meramente correlacionado à idade. Ele depende também dos aspectos social, psicológico, intelectual, bem como das experiências de vida dessa criança.

Para falar de morte com crianças deve-se utilizar linguagem simples e direta, bem como uma informação real, pois ela compreende literalmente a linguagem adulta. Somente por volta dos 5 a 7 anos é que a criança consegue adquirir a compreensão total da ideia da morte.

Então, para ajudar a criança seja em processo de luto causado por uma patologia como o câncer, seja para lidar com situações de luto de forma geral, é preciso:

1. Propiciar, primeira e impreterivelmente, um ambiente seguro no contexto familiar e escolar, promovendo a comunicação aberta, onde a criança é informada sobre o que acontece e podendo também expressar o que sente sobre, sem limitações;
2. Garantir que ela terá o tempo necessário – esse indefinido - para elaborar o luto;
3. Assegurar a ela um ouvinte compreensivo que sempre poderá expressar lástima, medo, tristeza, culpa, raiva e saudade;
4. Oferecer sempre proteção, em todos os estágios.

Muitas vezes o universo adulto costuma subestimar tanto a capacidade aguçada de percepção da criança, bem como o incrível potencial que ela possui e que é capaz de enfrentar situações adversas. É comum a criança manter seus sentimentos ocultos por não querer causar aos pais, familiares em geral e amigos, dor ou pesar, no entanto, especialmente na criança com câncer, nenhuma proteção é capaz de fazer com que ela não sinta medo, insegurança, tristeza e angústia. A criança tem o direito de ter sentimentos, e estes precisam ser esperados, reconhecidos, aceitos e principalmente, respeitados. Por ser o mundo infantil cercado de fantasias, quanto mais suas dúvidas, anseios e angústias forem expressas e satisfatoriamente observadas e cuidadas, mais segura e tranquila ela irá ficar e menos doloroso e mais efetivo será seu tratamento.

Assim, manter um ambiente propício para que a criança expresse seus sentimentos é fundamental. O próprio atendimento psicológico se dá dessa forma. É oferecido à criança um espaço protegido, de confiança, de escuta e cuidado, para que ela tenha a oportunidade de projetar seus medos, suas fantasias e assim, aliviar-se do sofrimento. No entanto, a família tem um importante papel nesse sentido. Sabendo-se das mudanças inevitáveis que ocorrem na rotina da vida dessa criança, na medida do possível deve se procurar manter o máximo possível preservadas as atividades antes realizadas. Alimentação, brincadeiras, escola, lazer e dinâmicas de rotinas em casa, precisam ser mantidas para que todos percebam que somente algumas coisas mudaram, mas outras sempre serão preservadas, principalmente aquelas que lhes causam possibilidades de compartilhar a vida com prazer, conforto e segurança, em um ambiente de respeito e amor.